



## O MORTO

Foi em sonho talvez que vi brilhar a tua face lívida, Morte, e senti sobre mim tua foice fria e teu hálito de gelo, insuportável.

Porém meu dia não era chegado; foi alguém estranho que tombou a meu lado, no meio da noite, e eu pude continuar cabisbaixo o meu caminho.

Mas dentro de meu coração eu te detestei sem te temer, e senti que a vida era melhor, e com bonomia compus êstes votos e orações de morto.

Que o mistério que existe em tôda morte fôsse na minha, dignificado pela simplicidade.

E meu velório fôsse assim como que uma festinha de despedida, onde mesmo as pessoas que ficassem com os olhos vermelhos pudessem rir sem remorso.

E aquêles que fôsssem saindo pensassem apenas: "vamos a um bar; êle só não vai porque não pode"; e assim manifestassem confiança em mim.

E dois anos depois alguns homens se pusessem de repente a falar de mim, rindo, lembrando meu nome e figura com afetuosos palavões, e que minha memória os ajudasse a beber mais, e com mais prazer.

Que alguma desconhecida mulher, em uma hora de angústia ou abatimento, lêsse por acaso alguma coisa minha e sentisse ali um conforto de mão de companheiro.

E assim também que, a dois amantes, alguma coisa que escrevi em hora de paixão pudesse lhes fazer mais luminosa a felicidade.

Que tudo o que eu disse por tédio ou afetação pudesse ser esquecido e minha lição obscura fôsse uma lição de insaciável liberdade e gosto de viver.

Que aquêles que foram meus amigos não precisassem esquecer ou disfarçar meus defeitos para que me estimassem depois de morto, e me recordassem como a um homem — vago bloco de coisas — capaz de ser tolerado e possível de ser útil.

Que ao pobre e ao humilhado minha voz ajudasse a dar esperança e ânimo de luta.

Que alguma coisa de tudo o que fiz pudesse levar ao homem poderoso, atrás de seus estupendos recursos e de suas perfeitas teorias e de seus milhares de oficiais de gabinete e secretários, um recado humilde a favor da pobre e escura e triste humanidade do Brasil.

E assim também ao homem crente e orgulhoso de sua crença um pouco de vacilação e tolerância.

E as mulheres com que lidei esquecessem meus momentos de tédio e de aflição e lembrassem de mim o que disse e fiz de melhor, nos grandes instantes de ternura, que são os instantes da verdade.

E tu, que foste a última de minhas amigas, que minha lembrança te fôsse também suave — apenas a vaga mão pousando no teu ombro e a perdida voz dizendo teu nome, com o mais simples carinho, e um tom quase contente:

### A POESIA É NECESSÁRIA

#### Versos de um Cônsul

RAUL BOPP

*Pobre de meu filho!*

*Vai para a escola.  
Muda de escola.  
Chega-se a um outro pôsto.  
Batem novos carimbo nos papéis de matrícula.*

— *Zwei mal zwei?*  
— *Für*  
— *Zwei mal für?*  
— .....

*E lá se vai êle, por essas manhãs pesadas,  
de mochila às costas (livros e livros)  
como quem vai pr'uma guerra,  
acabrunhado pela matemática.*

*Terras novas. Muito sol. Bandeira ao vento  
No pátio del colégio  
a professôra rege o côro:*

*... si mañana en tu solo sagrado ...*

*A almazinha do meu filho vai se compondo e  
[decompondo,  
com pedacinhos de pátrias misturadas.*

*De noite, a gente recolhe os pensamentos,  
com um cansaço internacional.*

— *Pai!*

— *Quêque-tu-quê, meu filho?  
Êle achegou-se a mim, com um abraço carinhoso:*

— *Pai*

*Me conta mais uma vez  
como é que era mesmo o Brasil?*

